



GT06 - Educação Popular – Trabalho 138

“NÃO QUERIA QUE MINHA FILHA TIVESSE A MESMA VIDA QUE EU”: UM ESTUDO SOBRE MULHERES NO TRABALHO ARTESANAL

Amanda Motta Castro – FURG/UNISINOS

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

O presente artigo é resultado da pesquisa desenvolvida na minha tese de doutorado que buscou analisar como ocorre o processo pedagógico de ensinar e aprender na tecelagem manual realizada por mulheres no município de Resende Costa, no estado de Minas Gerais. A pergunta inicial deu origem a outras, sendo uma delas: Quais as relações de gênero entre o público e o privado no campo de trabalho da tecelagem? É sobre tal ponto que discorreremos neste artigo. A opção teórica escolhida foi a Educação Popular e os Estudos Feministas. A metodologia da investigação tem como base a pesquisa participante e a metodologia feminista, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante, diário de campo e fotografia. Como resultado, a pesquisa aponta para uma grande desigualdade entre a vida de homens e mulheres, mesmo que ambos os sexos partilhem do mesmo trabalho. Este estudo tenciona as relações entre os sexos na tecelagem manual, debatendo as desigualdades entre os sexos no trabalho artesanal dos fios.

Palavras-chave: Estudos Feministas. Educação Popular. Artesanato.

O fio da meada

Fios preparados para tecer. Resende Costa/MG



Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Este artigo é uma reflexão que foi desenvolvida a partir da pesquisa de doutorado defendida em 2015. A investigação teve como objetivo principal discutir como ocorre o processo pedagógico de ensinar e aprender na tecelagem manual, na cidade de Resende Costa, no estado de Minas Gerais. A pergunta inicial deu origem a outras, sendo uma delas: *Quais as relações de gênero entre o público e o privado no campo de trabalho da tecelagem?* O presente artigo discute sobre este segundo ponto.

Sabemos que a pesquisa não é neutra (FREIRE, 1999; BRANDÃO, STRECK, 2006). Sabemos, também, que o referencial epistemológico é situado, contingente e localizado (NEUENFELDT, 2008), pois não existe a possibilidade de escritos neutros ou despolitizados. Sobre isso, Ivone Gebara¹ (1997, p. 32) pontua: “Não há neutralidade possível mesmo que não estejamos conscientes da situação em que vivemos e não conheçamos o sistema de influências que nos atinge”. Ainda sobre a neutralidade, Eli Bartra (20012, p. 151) afirma:

1 Utilizaremos o nome e sobrenome do/a autor/ar na primeira citação. Nas citações seguintes, os/as autores/as passam então a ser mencionados apenas com o último sobrenome. Seguimos essa orientação como uma forma inclusiva de perceber a produção científica. Paulo Freire faz referência à importância do lugar da linguagem inclusiva após ser criticado por sua linguagem machista por feministas norte-americanas que leram sua principal obra – *Pedagogia do Oprimido* (1964). Freire admite seu machismo e retoma esta questão na *Pedagogia da Esperança*, publicada em 1992, passando, então, a utilizar uma linguagem inclusiva.

En toda investigación científica existe algún interés político o ideológico. Lo que sucede es que en la mayoría de los casos éste se halla oculto y se despliega, en cambio, la bandera blanca de la supuesta neutralidad del conocimiento.

Desse modo, apresentamos o campo teórico em que estamos inseridas: A Educação Popular e os Estudos Feministas. Discuto a questão do artesanato nesta interface, porque sou Feminista e Educadora Popular. Esses dois lugares me constituem, uma vez que são marcas políticas e sociais, como nos ensina Gebara (2005), e, além disso, porque “nossas escolhas pessoais são sempre movidas por nosso caráter, por aquilo que estamos dispostos a afirmar e por aquilo que de alguma maneira resistimos”. (BENSUSAN, 2004, p. 149).

O trabalho com os fios esteve também pouco presente na agenda feminista. As feministas pensaram ao largo do conhecimento artesanal produzido pelas mulheres por meio das manualidades. Sobre esta questão, Bartra (2005, p. 08) escreve: “Pero, dejando las especulaciones aparte, el hecho es que el arte popular ha sido prácticamente ignorado por el feminismo.”

No prefácio do livro de Eggert (2009, p. 10), *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*, Miriam Pillar Grossi analisa que “ao ver as imagens dos panos e acompanhar a elaboração do projeto, me vi instigada a retomar atividades manuais como exercício criativo e libertador”. Ainda destaca que ler o texto sobre as manualidades, realizadas pelas mulheres, a fez “[...] repensar os meus próprios processos de socialização feminina e no lugar em que deixei escondidos todos estes saberes de minha infância”. (EGGERT, 2009, p. 11).

O artesanato com fios em Minas Gerais

O artesanato é definido como toda atividade produtiva de bens e artefatos, realizada manualmente ou com a utilização de meios rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade.

De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2009)², no Brasil, existem cerca de cinco milhões de pessoas trabalhando com o artesanato, o que representa 0,5% do PIB.

2 Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Minas Gerais tem forte presença e tradição artesanal. A tecelagem manual faz parte de sua história e foi mapeado: dos 853³ municípios, 219 têm presença desse artesanato.

As pesquisas de Concessa Macedo (2003, 2006), Kodaria Mitiko (2002) e Claudia Duarte (2009) apontam que em Minas Gerais o trabalho da tecelagem é predominantemente feminino. São as mulheres que tecem, e o conhecimento é repassado de mãe para filha, sendo desenvolvida principalmente em tear de pedal, representado na imagem abaixo:

Tear que está na família há três gerações. Resende Costa/MG



Fonte: Acervo pessoal.

A importância da tecelagem em Minas é forte e vem de longa data. No Brasil, em 1872, havia 139.488 trabalhadores/as dos fios, dos quais 50,5% encontravam-se em Minas Gerais (MACEDO, 2003, 2006).

A produção doméstica dos fios foi extremamente difundida em Minas Gerais, principalmente no início do século XIX. Segundo Santos e Silva (1997), esta técnica foi

3 Número de municípios de Minas Gerais de acordo com o IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mg>>. Acesso em: 20 maio 2012.

levada ao estado pelos/as colonizadores/as. A tecelagem faz parte da sua história econômica, nos séculos XVIII e XIX. Nos teares, eram feitas as roupas que vestiam mulheres e homens, livres e escravos/as.

Em Minas Gerais, as mulheres são as principais trabalhadoras desse artesanato:

Mais de 90% da força de trabalho era composta de mulheres, tanto em Minas quanto no país como um todo. Sob essas condições, não se pode deixar de admitir que as mulheres trabalhadoras mineiras representavam o país na qualidade de produtos e tecidos, ou melhor, de artesãs de fios e tecidos (MACEDO, 2006, p. 230).

Segundo Douglas Libby (1997), o inventário dos teares da capitania de Minas Gerais, de 1786, registrou, no estado, 1.248 teares, divididos em 1.242 casas.

De acordo com os estudos de Macedo (2006), 66,96% das mulheres livres e 58,89% das mulheres escravas trabalhavam na produção de fios e tecidos. A autora afirma que:

Ao longo do século XIX, em Minas Gerais, a produção de fios e tecidos expandiu-se consideravelmente, tornando-se uma indústria cujos trabalhadores eram tipicamente mulheres. Estas, escravas ou não, eram as artesãs de seus ofícios – as "cardadeiras", "fiandeiras", "tecedeiras" e "tingideiras". A eventual reunião de escravas sob um mesmo teto e sob a vigilância de um feitor, em nada modifica o caráter artesanal de seu trabalho, antes corresponde às relações de dominação prevalecentes. (MACEDO, 2006, p. 3).

Segundo as pesquisas desta autora, podemos ver o número das pessoas que trabalhavam com os fios: 33.597 mulheres livres e 8.305 mulheres escravas. Entre os homens, esse número cai para 283 homens livres e 123 homens escravos:

Entretanto o número de pessoas empregadas na produção artesanal era certamente muito maior que aquele indicado pelo censo, porque muitas mulheres que fiavam e teciam como parte de sua rotina doméstica devem ter sido classificadas como "serviço doméstico" ou "sem profissão". (1983, p. 88-89).

Dessa maneira, os números das pesquisas já existentes mostram um estado marcado pelo trabalho artesanal dos fios com a presença especialmente de mulheres exercendo esse trabalho.

Resende Costa: a cidade onde se acorda com o barulho dos teares

Resende Costa situa-se no estado de Minas Gerais. No município, é comum o seguinte dito popular: “Em Resende Costa, em cada casa existe um tear”. Esse dito é um fato quando se pisa no município onde se é acordado com o barulho dos teares.⁴

Resende Costa situa-se na Região das Vertentes, sendo criado em 30 de agosto de 1911. Tem área total de 631.561 km² e está localizado a 186 km de Belo Horizonte.

Na primeira metade do século XVIII, ergueu-se um rancho para abrigar tropeiros e viajantes. Essa movimentação de viajantes deu origem ao povoado de Lajes, hoje chamado de Resende Costa. Em 1749, construiu-se a Capela Nossa Senhora da Penha de França e se estabeleceram oito casas, entre elas a do Inconfidente José de Resende Costa.

No início, a pequena população dedicava-se ao plantio de gêneros alimentícios e à criação de gado. Em 1912, o então povoado de Lajes ganhou sua autonomia como município, recebendo o nome de Resende Costa como homenagem aos inconfidentes (pai e filho) que viveram ali no início do povoado. Hoje, o município vive predominantemente do artesanato têxtil, confeccionando, principalmente, peças para casa. Segundo dados do IBGE de 2010, sua população é de 10.941 habitantes.

Assim como na maioria do estado de Minas Gerais, Resende Costa foi colonizado por portugueses. No município, há uma biblioteca municipal que empresta livros para a comunidade. Não existe cinema, nem teatro. A cidade conta com três semáforos, dois postos de gasolina, três pousadas, uma praça, duas farmácias, uma comunidade religiosa da Igreja Católica, uma outra da Igreja Assembleia de Deus, dois mercados e 98 lojas de artesanato.

Em Minas Gerais, a participação no artesanato dos fios também é predominantemente de mulheres.⁵ Porém, no início dos anos 1980, o pequeno município mudou a tradição: em Resende Costa, homem também tece.

Com sua pequena população, os homens de Resende Costa iam trabalhar na capital mineira ou paulista e, frequentemente, ficavam fora por longos períodos, distantes de suas famílias. As mulheres permaneciam em casa, trabalhando nos afazeres domésticos, na criação dos filhos e filhas e na tecelagem manual. Os trabalhos nos

4 Informações obtidas no arquivo de Resende Costa, durante pesquisa empírica no mês de julho de 2011 e também disponíveis em: <<http://www.camaraderesendecosta.mg.gov.br/>>.

5 Afirmação feita com base na pesquisa empírica e durante a realização do estado da arte. No sul de Minas, onde há uma forte presença da tecelagem, são quase exclusivamente as mulheres que tecem. (MEDEIROS, 2002; DUARTE, 2002).

grandes teares manuais de Resende Costa faziam com que elas vestissem suas famílias e criassem peças para casa, como colchas, tapetes e toalhas. Também era parte do trabalho das mulheres ensinar às filhas as técnicas dos teares para que essas reforçassem o sustento da família. A tecelã Azul⁶ explica:

“O problema é que não tinha trabalho aqui em Resende Costa. Os homens iam embora e nós ficávamos sozinhas cuidando de tudo por aqui. A gente ficava sem notícia, não tinha telefone e essas coisas que agora a gente tem. Mas, mesmo se tivesse, acho que nós íamos começar a ensinar os homens a tecer porque aí fica a família toda junta e perto e fica bom.” (Tecelã Azul, durante entrevista em julho de 2011).

Assim, em Resende Costa, o trabalho de tecer nasce da necessidade cotidiana de cuidar da família e é ampliado pela imprescindibilidade de que os homens tivessem trabalho perto de suas famílias. Aqui, cada família desenvolve seu artesanato, geralmente no fundo de suas casas, e realiza a venda em lojas organizadas na frente de suas casas, por encomenda ou, ainda, dentro de suas casas – em geral, na sala.

No início da década de 1980, a ação das mulheres de ensinar a tecer, não somente às suas filhas como também aos homens, criou um município onde a principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja pela venda das peças produzidas nos teares, seja pelo trabalho direto nos teares ou no comércio local para atender turistas. A venda de tecelagem atrai turistas de Norte a Sul do Brasil, que lotam as ruas do pequeno município situado nas montanhas de Minas Gerais.

Isso posto, perguntamos: Passados quase quarenta anos que a tecelagem “sai” das mãos das mulheres e passa a ser um trabalho desenvolvido por ambos os sexos, qual a relação entre homens e mulheres no trabalho da tecelagem nos dias atuais?

Opções metodológicas

6 Sabemos que a discussão acadêmica sobre a citação verdadeira dos nomes das pessoas pesquisadas é longa e divide opiniões. Nesta investigação, optamos por identificar as pessoas que compõem esta pesquisa por cores e não pelos nomes verdadeiros. Esta decisão orienta-se nos escritos de Wivian Weller (2010, 2011). De acordo com esta autora, o nome verdadeiro das pessoas com as quais realizamos pesquisas não deve ser colocado em trabalhos acadêmicos. As pessoas podem mudar de opinião, de profissão, de vida. Desse modo, podem não querer a publicação de alguma coisa do que eram no passado. A autora que fez sua Tese de Doutorado com jovens negros em São Paulo e jovens Turcos na Alemanha entende que o nome e histórias de vidas devem ser preservados como um ato de respeito à vida das pessoas que cooperam com nossas pesquisas.

A opção metodológica do trabalho baseia-se na pesquisa participante e na metodologia feminista e utiliza a observação participante, entrevistas, diário de campo e fotografia como técnicas de pesquisa.

A pesquisa participante surgiu em 1960, num contexto de lutas sociais, por iniciativa de pesquisadores e pesquisadoras – da América Latina, especialmente – envolvidos com projetos de pesquisa social. Naquele contexto, ela visava a aproximação entre os/as pesquisadores/as e as pessoas inseridas na dura realidade que queriam transformar. Sendo assim, a pesquisa participante passou a existir como contraponto e alternativa teórico-metodológica aos modelos de ciências sociais de herança positivista e funcionalista, oriundos principalmente da América do Norte (BRANDÃO, 1986).

A pesquisa participante visa “fazer com” e “não fazer para”, a busca pela participação da comunidade com a investigação é constante. Participação é uma categoria muito trabalhada por Paulo Freire, sobretudo nas obras *Política e Educação* (2001), *A educação nas cidades* (1991) e *Educação e Mudança* (2008). Para Paulo Freire (2003), a participação pode ser entendida como o exercício de voz, de ter voz, decidir, exercitar a cidadania e lutar por transformação social e emancipação.

É dentro desse contexto que se constrói a pesquisa participante: “A participação popular é a ferramenta capaz de romper com a tradição de sociedade elitista excludente” (FREIRE, 1991, p. 16). Nas palavras de Carlos Rodrigues Brandão (1986, p. 43), “a pesquisa participante deve ser praticada como um ato político claro e assumido”.

Para que este movimento aconteça, é fundamental a entrada e a participação do pesquisador ou da pesquisadora junto à comunidade pesquisada:

Ao invés de se manter distância entre o pesquisador [sic] e o grupo que vai ser examinado, tal como se exige nas ciências sociais tradicionais, a Pesquisa Participante propõe-se à interação. (GAJARDO, 1986, p. 32).

Além da pesquisa participante, trabalhou-se com a metodologia feminista. De acordo com Elí Bartra (2002), a metodologia feminista é feita a partir do ponto de vista feminista, trabalhando principalmente nas experiências de vida. Nesse sentido, ela diz que:

[...] el punto de vista feminista es, antes que nada, el punto de partida, en arranque, el comienzo de ese camino que llevará al conocimiento de algún proceso o procesos de la realidad, ese camino que se va haciendo a medida que se desarrolla la investigación. (BARTRA, 2002, p. 148).

Graciela Hierro (2007, p. 13) assegura que “la investigación feminista surge de la consideración de lo que hacen las mujeres y de cómo lo hacen observado por las mismas mujeres”. Sendo assim, pode-se pensar a metodologia feminista como forma de fazer pesquisa com mulheres, sendo estas analisadas por nós mesmas. Esta metodologia contém um caráter abertamente político por buscar conhecer e reconhecer o passado, entender o presente e preparar o futuro com um novo olhar: de transformação e mudança (HIERRO, 2007; HARDING, 2002).

Assim, a metodologia feminista trabalha procurando desconstruir a visão androcêntrica da pesquisa tradicional, buscando que, a partir da experiência, as mulheres falem do seu cotidiano para sua mudança.

Obviamente, como se está em oposição à pesquisa androcêntrica, que impera na academia, provavelmente apareça, de alguma parte, a pergunta que as feministas estão muito acostumadas a responder sobre a necessidade ou não de uma pesquisa que trabalhe com a metodologia feminista.

A pergunta ouvida por nós constantemente é: “para que serve a metodologia feminista?”. Didaticamente, Bartra explica (2002, p. 155), “el método sirve, pues, como un destructivo peine fino que se usa para modificar el androcentrismo aún reinante y crear un mejor conocimiento, con menos falsificaciones”. Hierro (2007, p. 14) acrescenta ainda que “a través de la metodología feminista que se utiliza para conocer y reconocerse en el pasado, entendemos el presente y prepararemos el futuro”.

Com essas duas opções metodológicas – a pesquisa participante e a metodologia feminista –, utilizou-se também a observação participante. A observação participante foi desenvolvida pela Antropologia e é retomada na Educação Popular por meio dos estudos realizados por Brandão (2003). Tal metodologia leva a partilhar o cotidiano, o que é entendido como importante nesta pesquisa. A esse respeito, Brandão (2003, p. 293) menciona:

A observação participante, que obriga à partilha da vida do/com o outro [sic], e que nos envolve e faz se completarem estratégias (ou técnicas, se quiserem) de coleta de dados, como registro etnográfico em diários de campo, a entrevista, a história de vida, a exegese do visto e do ouvido.

Heraldo Vianna (2007) destaca que a observação participante é frequentemente usada em pesquisas qualitativas e tem como objetivo a observação tanto teórica como

prática sobre a cultura, com base nas realidades da vida cotidiana. O mesmo autor afirma que a observação participante é uma atividade que envolve simultaneidade, porque combina entrevistas, participação direta, observação e introspecção e análise documental.

A observação participante permeou todos os momentos da pesquisa empírica. Isso porque observar, conversar, ver, reparar e aprender lado a lado com as mulheres fez parte deste estudo. A observação participante permitiu transitar no cotidiano da tecelagem com conversas informais, observação, fotografias e filmagens. Após cada inserção, fez-se o registro da coleta num diário de campo.

Além disso, utilizou-se a metodologia de entrevista individual que, assim como a observação participante, também é bastante usada em pesquisas qualitativas.

Através das técnicas aqui apresentadas, a pesquisa empírica resultou em um vasto material: 126 páginas digitadas em espaço simples de entrevistas, 248 fotos, 1 caderno de anotações da observação participante, além de 32 páginas de repassos⁷.

Mulheres no privado. Homens no público. Qual igualdade?!

Na primeira vista a Resende Costa, tem-se a sensação de que o dito popular no município é correto e preciso: “Em Resende Costa não tem machismo, todo mundo tece igual, tanto os homens como as mulheres.” (LIMA, 2010). Para qualquer lado que se olhe, há pessoas tecendo e barulho de tear. Por onde se passa, há poeira dos fios e mulheres sentadas nos muros baixos, arrematando tapetes; veem-se homens e mulheres tecendo. Desse modo, olhando assim, à primeira vista, parece que tudo está indo muito bem, com relações de gênero justas e igualitárias. Contudo, quando se começa a ouvir as pessoas e a reparar no que não está dito, no que não é evidente aos olhos, percebe-se uma outra história, tramada entre fios e cores, somada à exploração e à desigualdade de gênero.

⁷ Os desenhos feitos no tear são os repassos. A técnica é responsável pelos muitos desenhos nas peças da tecelagem. O repasso acontece por meio de uma série de combinações nas pisadas e nas linhas enfiadas no liço. As tecelãs criam cada um deles, e é tradição guardá-los e repassá-los às próximas gerações em especial a filhas e amigas. A tecelã que criou o repasso o batiza com um nome significativo. Temos, em Minas Gerais, mais de 50 repassos que vêm, através dos anos, sendo mantidos nas famílias pelas mulheres. Nos dias atuais, poucas pessoas sabem e criam repassos novos, devido à sua complexidade. Os repassos são criados, codificados e guardados em papel. A primeira vez que vi um repasso, ele me lembrou uma partitura musical. Ver CASTRO, Amanda Motta. Os repassos nos teares manuais: a inventabilidade das tecedoras de Minas Gerais. In: Elí Bartra. (Org.). **Mujeres, Feminismo y Arte Popular**. 1. ed. Cidade do México: UAM, 2015, p. 137-148

Seis aspectos são bem distintos entre mulheres e homens na relação da tecelagem manual:

1. As mulheres trabalham conciliando tecelagem, trabalho doméstico e cuidado com os/as filhos/as e, na grande maioria, tecem em casa.
2. As tecelãs de Resende Costa gostam de tecer, mas gostariam de não depender da tecelagem para viver. Elas trabalham muito, ficam doentes e tem pouco retorno financeiro deste trabalho. Muitas o consideram como “bico” devido, principalmente, à desvalorização financeira.
3. Durante a empiria, encontrei inúmeras meninas que, a partir dos 12 anos, já estão trabalhando no tear no contra turno da escola. O trabalho, segundo relato das meninas, é para comprar suas “coisinhas”. Por outro lado, não vi nenhum menino da mesma idade das meninas no tear.
4. Tecelagem, para os homens, é profissão, coisa séria. Não gostam de ser importunados durante o processo de trabalho com os fios; a grande maioria dos homens tece no quintal de casa ou no fundo das lojas.
5. Todos os homens que entrevistei ou com os quais conversei durante a empiria são aposentados do primeiro trabalho, isso porque seguiram pagando o INSS para a garantia de direitos trabalhistas.
6. Embora também teçam, os homens são, em geral, os principais donos das lojas de artesanato ou trabalham com outros processos de comercialização de produtos para tecelagem, como a venda de retalhos vindos de Santa Catarina, fios e na fabricação e conserto dos teares.

Essas questões fazem com que as relações de gênero no trabalho da tecelagem não sejam justas e igualitárias. A aparência de que tudo está muito bem nas relações de trabalho não é o que se comprova quando se faz pesquisa e escuta as pessoas imersas nesse cotidiano.

O que realmente ocorre são relações desiguais e injustas. As mulheres permanecem no tear, alternando o trabalho da tecelagem com o trabalho doméstico. Dessa forma, perpetuam-se no espaço privado. Por essa razão, as mulheres têm uma produção, em geral, menor do que a dos homens e, em consequência disso, ganham menos dinheiro.

Na maioria dos casos, existe uma grande tendência de que as meninas permaneçam no trabalho com os fios, isso porque, quando atingem cerca de 12 anos e querem “ganhar um dinheirinho” para comprar coisas para si ou ajudar nas despesas domésticas, elas veem no tear uma boa forma de gerar renda. Entretanto, dificilmente saem dali, ora porque pegam gosto pelos fios, ora porque não conseguem conciliar trabalho e estudo, ou, ainda, porque se casam, o que dificulta o processo de sair do município para estudar. É o que conta a tecelã de 22 anos:

“Ah, não dá pra culpar ninguém, minha mãe queria que eu fosse outra coisa na vida, que estudasse, mas comecei a tecer bem cedo para comprar minhas coisinhas, aí fui ficando aqui e quando vi já tô aqui a mais de 10 anos.” (Tecelã Verde Forte, durante observação participante, 2011).

A tecelã de 54 anos diz que briga com a filha para ela não tecer, pois tem preocupações com o futuro da filha:

“[...] não queria que ela tivesse a mesma vida que eu, trabalho muito, ganho muito pouco e não tenho nenhuma garantia, mas agora ela começou a tecer e está ganhando 20 reais por semana, aí eu acho que ela vai largar a escola porque daqui a pouco vai querer ganhar mais.” (Tecelã Dourada, durante entrevista, 2012).

Na mesma entrevista, perguntei pelos filhos homens, ao que a tecelã Dourada respondeu:

“Ah, eu ensinei eles também, ensinei todos, mas eles já são mais da rua mesmo, eles estão estudando, às vezes tecem uns tapetinhos pra irem na festa no sábado, mas acho que vão estudar, não fica enfiado em casa querendo tecer.” (Tecelã Dourada, durante entrevista, 2012).

Ao realizar entrevista com a tecelã Fosco, que tece há 35 anos, a filha estava junto, fazendo os arremates nos tapetes. Então, lhe perguntei: “E você? Como virou tecelã?” Ao que ela depressa respondeu:

“Fui tecer pra fugir do trabalho de casa, não gosto de limpar e lavar louça. Então, vim pra cá tecer, me dei mal, porque a mulher sempre acaba tendo que lavar louça, quando é nova e quando fica velha, né, mãe?” (Filha da Tecelã Dourada, 2012).

A tecelã dourada denuncia a disparidade nas relações de trabalho entre homens e mulheres, desigualdades que seguem *esteticamente* silenciada entre as belezas das montanhas mineiras.

Sendo assim, perpetua-se, no mundo privado dos fios, as mulheres, alternando simultaneamente o trabalho doméstico e o cuidado com os/as filhos/as e o marido. Elas

trabalham como malabaristas para conseguir fazer todas as coisas que estão socialmente destinadas às mulheres:

“Homem muito pouco mexe com coisa de casa, muito pouco ajuda. Eles mais é que trabalham mesmo, acho que a gente nasceu pra isso, fazer um pouco de tudo.” (Tecelã Marrom, durante observação participante, 2011).

Mesmo sendo as protagonistas do processo de formação de quase uma cidade inteira, realizando, por meio disso, o trabalho para que os homens de Resende Costa possam ficar no município, as mulheres permanecem, em grande maioria, tecendo no privado das suas casas, conciliando vida doméstica e trabalho com os fios, com a simultaneidade da qual estão acostumadas.

Nas palavras do tecelão Verde Limão (em entrevista, em julho de 2012):

“Eu acho que a mulher tece mais, viu. Tece mais porque ela consegue conciliar as horas de dona de casa, cuidando do filho, arrumando o filho para ir para a escola e tudo e nas horas de folga ela está no tear.”

A tecelã bronze expõe o desejo de sair do trabalho da tecelagem:

“Eu não sonho, não, em viver pra sempre aqui no tear. Não é meu sonho, queria estudar e ter um fixo. Faço isso porque me mantém, né, dá pra manter. Eu tiro aqui se trabalhar de segunda a sábado 800 reais por mês, e tem a vantagem que consigo cuidar das coisas de casa e também da minha filha. Faço almoço, janta, faço as tarefas de casa com ela e qualquer hora entro no tear, é assim.” (Tecelã Bronze, durante entrevista em julho de 2011).

Entretanto, para os homens, tecelagem é profissão, coisa séria, e eles não gostam de ser importunados durante o processo de trabalho. As entrevistas com os homens foram mais difíceis. Quando estão trabalhando, não interrompem a produção. Era muito comum ouvir respostas como:

“Beleza, moça, você que está fazendo perguntas de tecelagem, é? Agora posso falar, não. Tô trabalhando, não posso parar, volta mais tarde. Aí pelas 18 e 30 saio do tear, beleza?” (Tecelão Marfim, durante tentativa de entrevista em junho de 2012).

Também não gostavam muito de observação. Mesmo eu falando que ia só olhar e perguntar umas coisas, a resposta era rápida:

“Moça, volta às 18 e 30, que é a hora que saio do tear, aí você pode perguntar qualquer coisa que eu respondo, beleza?!” (Tecelão Marfim, durante tentativa de entrevista em junho de 2012).

Além disso, impressionantemente, a maioria dos homens que entrevistei ou com os quais conversei durante a empiria são aposentados do primeiro trabalho. Ou seja,

seguiram pagando o INSS para a garantia de direitos trabalhistas; os que não são aposentados pagam o INSS ou têm algum amigo que possui loja e assinou a carteira deles com um salário mínimo para garantia de direitos. Um tecelão, que pediu para não ser identificado, afirmou:

“Meu amigo tem loja no asfalto, eu teço pra ele, ele me paga por produção e assina minha carteira com salário mínimo. Coisa de amigo pra amigo, para poder ter garantia de futuro. Mas é igual falei pra você: não saio por aí falando isso.” (Tecelão Verde Limão).

Outro tecelão assim falou:

“Eu voltei aqui pra cidade, era caminhoneiro em São Paulo, então voltei, mas continuei pagando meu INSS, para ter um pouco de dinheiro no futuro. Aí, então, me aposentei. Agora, eu e meu filho estamos com essa loja, eu já pago o INSS dele também. Isso é importante.” (Tecelão Bordo, entrevista em julho de 2012).

Ao mesmo tecelão, perguntei se ele tinha filhas trabalhando na tecelagem.

Respondeu que sim, que tem duas. Então, perguntei-lhe se também pagava INSS para as filhas, ao que me respondeu com um sorriso meio sem graça:

“Uai, a mulher tem uma vida diferente, já casam, cuida da família. Se casam, não me preocupo muito com elas, então por isso aí que é diferente, pago não.” (Tecelão Bordo, entrevista em julho de 2012).

O que temos aqui é uma naturalização do casamento e maternidade como sendo o “fim e missão” de todas as mulheres (LAGARDE, 2011).

Ao fim, embora também teçam, em geral, os homens são donos das lojas de artesanato ou trabalham com processos de comercialização de produtos para tecelagem:

“Aqui em Resende Costa, assim, pra poder viver assim, melhor, tem que ter loja. Eu tenho essa loja aqui e já estou fazendo outra lá bem na entrada. Sabe a rótula? Então, bem lá para pegar clientes que às vezes estão de passagem para São João Del Rei e não entram aqui na cidade. Tô bem confiante nos negócios, vai ser beleza essa outra aí.” (Tecelão Marfim, durante entrevista em junho de 2011).

Para esse tecelão, perguntei quem tecia para a loja dele:

“Olha, eu teço, mas agora tô sem tempo porque é muita coisa assim de papelada e muita coisa. Então, eu pago. Tenho 10 tecelãs aí na cidade que tecem pra mim. Pago por produção bem certinho, tudo certinho.” (Tecelão Marfim, durante entrevista em junho de 2011).

Portanto, o trabalho dos fios trouxe trabalho e dinheiro para o município, mas a divisão do público e privado está muito bem estabelecida: homens com o espaço público à frente dos negócios e tecendo, de fato, como um trabalho no qual é necessário foco, tempo e não ser “atrapalhado” durante o processo de produção. São eles que mais

lucram com o atual trabalho da tecelagem, além de terem, em grande maioria, os direitos trabalhistas garantidos.

A maior parte das mulheres permanece no espaço privado, tecendo em casa, juntamente com os afazeres domésticos e o cuidado com as crianças, trabalhando no tear “como dá” e vendendo sua produção menor do que a dos homens para compradores (a maioria homens) que trabalham no comércio da venda dessa produção no município de Resende Costa e de Norte a Sul do Brasil. Além de dupla jornada, as tecelãs trabalham sem o amparo do INSS, portanto, sem possibilidade de aposentadoria ou respaldo legal em caso de doença ou gravidez.

Arremates finais

Há pelo menos quatro décadas, a academia reconhece que a maioria das pessoas que trabalham no ramo têxtil são mulheres e que neste ramo existe exploração. Isto porque, em 1967, Heleieth Saffioti apresenta sua tese de livre docência, intitulada “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade”, sob orientação de Florestan Fernandes. O objetivo principal foi explicar a situação da mulher na sociedade capitalista a partir da exploração da mão de obra feminina.

Após 45 anos da pesquisa de Saffioti, a empiria desta proposta de pesquisa infelizmente corrobora os escritos da autora, pois, nos teares de Resende Costa, meninas a partir dos 12 anos trabalham na tecelagem diariamente para ganhar seu dinheiro e ajudar nas despesas da casa. Além disso, por vezes, é difícil ter a informação exata sobre o número de horas trabalhadas, as formas de pagamento e de venda. Portanto, podemos perceber que a produção feminina dos fios leva consigo muita exploração e silenciamento. A impressão que tenho, em alguns momentos, é que o não falar das tecelãs quando a pergunta é delicada se deve ao fato que o silêncio faz parte do trabalho, a fim de garantir um lugar tranquilo (PERROT, 2007).

A pesquisadora Martha Nussbaun (2000) afirma que as mulheres comem menos, ganham menos dinheiro, sofrem mais violência, têm menos direito de ir e vir, menos prazer sexual e adoecem mais. Com base nesses dados, reforçam-se ainda mais os estudos sobre mulheres, principalmente na América Latina, pois não tem sido fácil a vida das mulheres – sobretudo, a das mais pobres. Os dados em números apresentados pelos organismos internacionais não são animadores, e, na pesquisa diária, quem se

debruça sobre a questão das mulheres verifica esses dados na prática, nas conversas, nas histórias, no dia a dia das mulheres.

Elas trabalham muito, ganham pouco e se esforçam para viver uma vida melhor e, além disso, buscam formas de dar uma vida melhor para seus filhos e filhas.

Dessa forma, o que se vê em Resende Costa é que as mulheres, em grande maioria, continuam sendo as mais pobres. Isso porque elas produzem menos que os homens e permanecem no espaço privado, conciliando o duplo trabalho: doméstico e têxtil.

A precariedade do trabalho artesanal pode ser verificada na força com que as mulheres do lugar desta pesquisa buscam tirar, principalmente, suas filhas deste trabalho. Todas as entrevistadas afirmaram que gostam da tecelagem, que gostam de tecer e que acham bonito e útil que as filhas aprendam a tecer. Contudo, não querem que elas permaneçam no tear porque este é um ofício em que se trabalha muito, ganha-se pouco dinheiro e se adocece bastante.

Para o feminismo, o privado é político e o trabalho diário de fazer esse movimento – politizar o privado – é uma das formas de reverter a marginalização do trabalho desenvolvido pelas mulheres. Sobre isso, Richard Sennet (2009) aponta que a maior parte dos ofícios e de quem os exerce nos espaços privados produz um caráter distinto do que é feito fora de casa.

No livro *El eterno Feminino*, Rosario Castelhanos (2012, p. 7) afirma que “debe haber otro modo... otro modo de ser humano y libre. Otro modo de ser”. Marcela Lagarde (2011, p. 779) enfatiza que “las feministas sintetizan la experiencia colectiva, critican y proponen a la sociedad en su sociedad, en su conjunto pactos sociales.”

Portanto, compreende-se que, ao pesquisar o tema do artesanato a partir de uma sistematização feminista coloca-se em debate a questão das mulheres e de seus direitos, ou melhor, a falta deles!

Logo, os escritos e deslocamentos realizados neste texto corrobora os trabalhos de muitas outras feministas – tanto nos movimentos sociais como na academia – que buscam, a partir do movimento de denúncia e anúncio (FREIRE, 2001), construir novos caminhos de luta, justiça, respeito, sororidade e igualdade entre mulheres e homens.

REFERÊNCIAS

BARTRA, Eli. **Mosaicos de criatividades: Experiências de Arte Popular**. Universidade Autônoma Metropolitana. Xochimilco, 2012.

BARTRA, Eli. Reflexiones metodológicas. In: BARTRA, Eli (org.). **Debates en torno a una metodología feminista**. Universidade Autônoma Metropolitana. Xochimilco, 2002.

BARTRA, Elí. **Mujeres en el Arte Popular: de promesas, tradiciones, monstruos y celebridades**. Universidade Autônoma Metropolitana. Xochimilco, 2005.

BENSUSAN, Hilan. Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan.-abr. 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Saber e ensinar: três estudos de educação popular**. Campinas: Papirus, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos – a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo. **Pesquisa participante**. O saber da Partilha. São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

CASTELLANOS, Rosario. **El Eterno Femenino**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2012.

CASTRO, Amanda Motta. Os repassos nos teares manuais: a inventabilidade das tecedoras de Minas Gerais. In: BARTRA, Elí (Org.). **Mujeres, Feminismo y Arte Popular**. 1. ed. Cidade do México: UAM, 2015, v. , p. 137-148

DUARTE, Claudia Renata. **A tecelagem manual no Triângulo Mineiro – história e cultura material**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

EGGERT, Edla. **Narrar processos: Tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. Cortez Editora; 1991

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GAJARDO, M. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- GEBARA, Ivone. **As águas do meu poço**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- HARDING, Sandra. ¿Existe uno método feminista? In: BARTRA, Elí (org). **Debates em torno a una metodología feminista**. UAM. Cidade do México, 2002.
- HIERRO, Graciella. **De la domesticación a la educación de las Mexicanas**. México: Torres Asociados, 2007.
- LIMA, Maria Alice Silverio. **Arte Popular in Natura: Artesanato Em Pedra, Fios, Barro, Fibras**. Rio de Janeiro: Réptil, 2010.
- LIBBY, Douglas. Notas sobre a produção têxtil brasileira no final do século XVIII: novas evidências em Minas Gerais. **Estudos econômicos**, v. 27, n. 1, jan./abr. 1997.
- MACEDO, Concessa Vaz de. A indústria têxtil suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do século XIX: uma reavaliação. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, jan/jun. 2006.
- MACEDO, Concessa Vaz de. **A produção têxtil de fios e tecidos em Minas Gerais**. 2003. Disponível em: <http://www.mao.org.br/fotos/pdf/biblioteca/macedo_01.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- MEDEIROS, Mitiko Kodaira. **O segredo da trama: desvendando a comunicação na tecelagem popular brasileira**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, São Paulo: Universidade Paulista, 2002.
- NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). Epistemologia, violência, sexualidade: olhares. **II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- NUSSBAUM. Martha. **Las mujeres y el desarrollo humano**. Barcelona: Herder, 2000.
- PERROT, Michelle. **Minha história sobre as mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1967.
- SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- VIANA. Hernaldo Marelin. **Pesquisa em Educação – a observação**. Brasília: Liber Livros, 2007.
- WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. (Org.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação: Teoria e Prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

WELLER, Wivian. **Minha voz é tudo o que eu tenho**: Manifestações juvenis em Berlim e São Paulo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.